

Redação, Administração e Oficinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida ao

DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sábados

PREÇOS DE ASSINATURAS

ANNO 10\$000
SEMPRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assinaturas para o exterior há a diferença de porte do Correio

A NOSSA SEXTA-FEIRA RUBRA

A sessão de propaganda do dia da paixão teve um bello successo

Foi além de nossa expectativa o successo da sessão de propaganda do livre-pensamento por nós organizada para a sexta-feira santa, o dia da comemoração máxima da Igreja Catholica. Apesar da reunião ter sido decidida bastante tarde, não permitindo que o boletim convocatorio fosse distribuido devidamente, á hora marcada o espaçoso Salão Celso Garcia já estava inteiramente repleto de povo que, não se importando com o pequeno tempo daquella dia, acorreu pressuroso para prestar o concurso da sua presença e do seu applauso entusiastico aos principios de emancipação humana ali largamente defendidos por Alexandre Cerchial, professor Saturnino Barbosa, e Orestes Ristori.

Foi uma excellente jornada de propaganda que em todos desperdo entusiasmo, animando-nos a proseguir incessantemente na nossa luta em prol da causa da Justiça e da Verdade, pela qual nos batemos.

Difficil seria resumir sufficientemente o limitado espaço de que dispomos o largo cabedal de idéias grandiosas, o encantador estendal de principios alevantados naquella salão espendidos com clareza e com valor susten tados.

Tivemos naquella dia, bem ao vivo, se bem que em miniatura relativa, a perspectiva da grande, da colossal batalha final na luta entre as duas forças que se debatem na Humanidade: o Passado, nos estereótipos da agonia deradeira, e o Futuro, cheio de vida e de felicidades.

Pelas altas janelas do Celso Garcia, abertas de par em par, recebendo o bafejo da brisa fresca e pura, avistava-se ali, a pouca distancia, o casarão antigo da igreja do Carmo, agora elevada á categoria de Cathedral, com a sua larga porta escancarada a receber mormente uma multidão de valtos negros, taciturnos, que p'ali entravam com a attitude do condemnado sem perdão.

Quando lá uma multidão mesclada de poderosos argentarios que nas suas fabricas fazem trabalho em revoltantes condições, durante quatorze a dezesseis horas, pobres crianças até de oito annos e cá fora se trombeiam philantropicos e crentes, indo esmurar o peito na igreja; de hypocritas conventionalistas que se pretendem livres dos preconceitos religiosos e se sujeitam ao padre por balcos interesses; de fraços de espiritos que não têm a necessaria energia para livrar a sua consciencia da escravidão das decalchadas crenças; de velhos vencidos pela senilidade precoce e de moços em busca de namoricos; quando lá, á luz dos sacros candelabros, essa multidão de interesses e sentimentos chocantes, com hypocrita contenção, com fingida tristeza cantava em psalms doentes o que já lá vai de tedo e mofo; quando lá se lembava o passado de negra historia, cá do outro lado, ante a luz plena do dia, uma multidão fremente de corações abertos a todas as dores humanas e a todos os sentimentos ennobrecedores de solidariedade, igualdade e justiça, de consciences bafejados pelos principios de vida e de amor, applaudia com anela, aclamava com frenesi o Ideal com o qual os homens hão de um dia, que não está longe, implantar no mundo o paraizo prometido para depois da morte, vivendo então todos felizes, vivendo de tudo que na vida se pôde fruir, irmanados numa só e universal familia cujo lago de união será a solidariedade.

Lá se chorava o Passado — que é a Morte; aqui se cantava o Futuro — que é a Vida.

Bella sessão de propaganda!

O primeiro a falar foi Alexandre Cerchial, que deu uma carga cerrada contra todas as instituições que sustêm o actual estado de coisas.

Atacou o catholicismo e o clericalismo que o defende e vive, assim como todas as religiões embrutecedoras da humanidade; descreveu com cores vivas a vida da classe trabalhadora, principal victima das crenças religiosas que a submettem: ao jugo dos dominadores; combateu também a guerra, com a qual o povo é o unico sacrificado em holocausto á ambição dos exploradores.

Cerchial terminou por entre applausos incitando o proletariado á luta contra todos os elementos que o escravizavam.

Edgard Leuenroth participou depois a ausencia de Benjamin Mota, convidando a fazer uso da palavra o professor Saturnino Barbosa, que se achava presente.

O nosso collaborador aceitou o convite, produzindo um bello improviso, cheio das idéias novas que elle tem, com louvavel independencia, defendendo em seus ultimos livros.

Após o professor Saturnino Barbosa, que foi bastante applaudido, orestes Ristori, que estava num dos seus dias felizes, desenvolvendo o thema da sua conferencia com extraordinario calor, provocando verdadeiras ovações da compacta assistencia, que rompeu em aclamações quando elle descreveu os soffrimentos do povo italiano sacrificado na guerra.

Sessões como esta deveriam repetir-se annuamente.

HOSTIAS AMARGAS

A religião é necessaria á sociedade. O bem publico e a desordem social. Necessidade da religião na vida publica e na vida politica.

A religião é necessaria principalmente á nossa época. A religião realisa as grandes aspirações da nossa época. A religião para a intelligencia, a felicidade para a vontade, a democracia para a sociedade.

(Themas da 8.ª e 9.ª conferencias quinquenales de d. Sebastião Leme, bispo coadjutor do Rio de Janeiro).

Para o bispo conferenciista, o catholicismo é indispensavel á sociedade, principalmente na nossa época.

D. Sebastião Leme não soube ou, muito de industria, não quiz exprimir bem o seu pensamento. E'he intenção significar que o poder do clericalismo baixa de dia para dia e que está no interesse mesmo dos padres procurar bestificar, o mais possivel, o povo, entendendo-o com as praticas infantis e supersticiosas do culto catholico, de modo a subtrahir assim ao influxo do espirito revolucionario, que caracteriza o actual periodo da historia da humanidade.

«Les dieux s'en vont...» O homem não quer mais saber deus e dedicar toda uma existencia, que tão proveitosa pôde ser á sua especie, ao culto de entidades imaginarias, de seres mythologicos, cuja concepção criou os maiores enjures ao evoluir da sociedade.

H-e, todos os espiritos superiores são acordes em admitti-la que a moral pode perfectamente prescindir de Deus e de rei e a sociologia já conseguiu enunciar a grande lei, que rege o desenvolvimento intellectual tanto no individuo humano, como da especie humana nas suas diversas raras componentes.

Uma vez reconhecido que o progresso intellectual e moral de

O povo, amarrado ao mouro da ignorancia, é a eterna victima dos padres, sejam elles catholicos, musulmanos ou outros quaesquer. A biblia ou o alcorão são apenas os instrumentos da sua dominação.

(Da "Aurora", jornal arabe do Rio).

um povo qualquer é um facto natural e inevitavel, desde que não se faça sentir a acção de elemento algum perturbador e não uma graça de Deus, um favor do céo, como outr'ora se acreditava, a consequencia logica é que toda e qualquer religião espiritalista é um obstaculo a esse progresso.

Em razão de emprestar aos seus dogmas um caracter de verdade absoluta e de immutabilidade permanente.

Todos os religiosos se supõem de posse da verdade por excellencia.

Todos elles, se possivel lhes fosse, mandariam incinerar, em pyras immensas, como immenso é o fanatismo dos seus crentes, todas as obras scientificas, artisticas e literarias, nas quaes se encontrasse uma unica expressão que pudessem significar contradicção aos seus ensinamentos e ás suas regras.

Accresce, ainda, outra circumstancia.

O catholicismo, mais que outra qualquer religião theista, disse Augusto Comte, desde que entrou em decomposição espontanea logo após a dissolução do regimen feudal, converteu-se em arma de oppressão do forte contra o fraco.

Tendo a intuição de que já se não apoiava mais no espirito publico, que o negacionismo lá pouco a pouco, avassalando, a elle fruiu, estaria ao raso o ditado dos seus soffrimentos, amarguras e privações nesta vida.

Ah! E o que o proletariado moderno não admittir... Elle quer, elle exige a sua quota parte de gozos na unica existencia que elle sabe ser certa.

E' a isso que d. Sebastião Leme chama — *desordem social*... E' muito facil a um pregador alambicado saltar do seu automovel á porta de uma cathedra; penetrar no templo todo embalado de nuvens de incenso; ouvir uma melodia qualquer, ter na e dolente, dessas que nos fazem amolecer as fibras do coração; subir á tribuna oratoria e tentado no peito uma cruz de ouro tudo cravada de pedrarias e ao dedão um anel com enorme ametista; esbravejar contra aquelles que, a essa hora, no interior das minas de hulla ou em officinas infectas e mal-las, consomem o seu organismo para fazerem de um pedaco de pão e de depois... recolher-se á sacristia, para refrescar a garganta com um calix de *chartruse* ou anisette, e ali receber os applausos dos que foram admirar-lhe a facundia e a todos, a todos indistinctamente, dar a bejar a pedra do anel que, afinal de contas, deve acabar por se converter em um viveiro dos microbios pathogenicos e saprophytas de tantas centenas e centenas de boccas...

O bispo d. Sebastião disse que a religião realiza a verdade para a intelligencia, a felicidade para a vontade e a democracia para a sociedade.

A verdade para a intelligencia? Como? perguntamos nós.

Propondo ao intellecto humano o — «Credo, quia absurdum...» apontando ao crente o exemplo de Bussat, que, em relação aos mais inconcebíveis e absurdos mysterios, declarava: — *Ranto humano, calar!* e antepondo aos olhos de todos o espectro do *Syllabus*, perante o qual força é que o catholico se curve, sob pena de excommunição maior...

Bellissimo modo esse de proporcionar á intelligencia a verdade, tolhendo-lhe o uso da operação mental de mais elevada categoria, que é o da raciocinação.

E a felicidade para a vontade? Como pôde proporcionar-lhe a religião?

Mas é simplicissimo: supprimindo aos homens a vontade e tornando-os uns automatos nas mãos dos padres...

Para os ascetas, para os mysticos, a suprema felicidade consiste em obedecer cegamente, isto é, em não ter vontade...

Eis como a Igreja conta dar muita felicidade á vontade humana...

Agora, a democracia para a sociedade. A Igreja, diz d. Sebastião Leme, pôde democratizar a sociedade.

Querem saber de que modo? Estabelecendo classes baseadas na fortuna, no nascimento e na situação social.

Quem ignora que a Igreja mantém immutadas, das quaes alguns são tão somente para individuos brancos, outras para mestigos e finalmente outras para os pretos?

Quem é que não sabe que ella considera os individuos de cor inferiores aos brancos, porque, segundo uma lenda da Biblia, elle descendente de um pobre rapaz que teve a deslida de metter á bulha o seu pai, que dormia, cozinhando a mais tremenda *mona* jamais registada em livro sagrado?

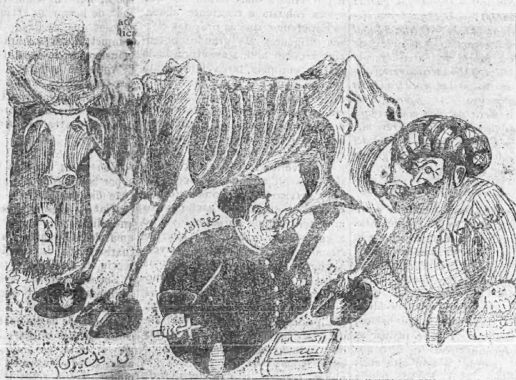
E por isso, ella considera participantes da maldição lançada a tal filho por tal pai os descendentes daquelles, os quaes, por esse motivo, têm a deslida de apresentar a pelle carregada de pigmento negro e são considerados incapazes, indignos de envergar um habito ou uma opa de certas e determinadas confrarias.

Ah! Como é democratizante a Igreja Catholica, Apostolica e Romana...

Para o proximo domingo, os nossos commentos sobre o thema da ultima conferencia quaresmal de d. Sebastião Leme.

Ignoto.

Carolismo habitual e inveterado — cura-se com a divulgação da Lanterna.



A's fogueiras!

Lanterneiros, meus irmãos, estantais fritos!

Pio X, per graça de Deus, acaba de decretar para esta parte dos dominios da Igreja Catholica a extirpação da heresia. Foi portador do breve apostolico o Nuncio de S. Santidade, aqui chegado ha pouco de Roma.

Está investido do cargo de inquisidor-mór, como fora Thomaz de Torquemada em Castella, s. cunha de sr. cardeal.

Já foi instituida a Milicia de Christo, cujo chefe, um chamado Belisario, está tratando de organizar, com o maior cuidado, o primeiro Auto de Fé.

O *quadrado* será levantado no largo da Gloria. Haverá bem em frente tribunas especiaes para os principaes personagens da cidade. A mais alta será occupada pelo inquisidor-mór, uma mais baixa pelo chefe do poder temporal (governo) e outras mais baixas ainda, conforme a hierarchia, destinadas aos demais dignitarios dos dois poderes.

A cerimonia assistirão também, em lugares previamente designados, para que tudo corra na melhor ordem, a clerezia, ordens sacras maiores e menores, instituições militares e civis, a burguezia e o mais do resto.

O acto reaverá-se de grande importancia, ao que propalam, porque será queimado — nota sensacional desde primeiro Auto de Fé — um ex-xenador da Republica (talvez mesmo dois) que muito tempo clado que falar de si por causa de umas cartas impias e impertinentes que têm apparecido na imprensa.

A chafatura de policia passará a chamar-se Palacio da Inquisição, para onde serão levados todos os convicções ou suspeitos de heresia. As camaras de tortura acham-se todas providas dos petrechos indispensaveis aos in-

CAUTERIOS

LXII

O' velha egreja, ó porca prostituta
Nas orgias dos senhores e nobres,
Quem o teu seio paterno periclitava,
Quem teu corpo, velha debedada,
Através da tralha clara e potente,
— Balas que devesas o ventre, e escuro —
Vi quantos se salvarem, repulsi, e
Que és de ossos póderes feido cunho.

Alinda entás de fé, minha te estores
No castigo, no prezo, nas lanchadas,
Mas no teu corpo, em lubricos entores,
Banquetamos os vermes sapulcres.

Apodreces de pé. Vozes tornadas,
A parca e o pogo, em terrino, em podridão,
Os tempos actuaes vão-te arrastando
Para o fim da decomposição...

E's um phantasma, és negro passello,
Que traz o mundo trevelo e acido,
Mas não tarda que um tragico arripelo
Venha deital-o livre, despertado!

E's a imagem mais vinda da morte,
Do que é negro e letal, do que é nojento;
Dizes que o bem é o mal, dizes que o certo
Humano a eterna dor e o soffrimento!

Faz da vida fizes pois um crime horrivel,
Só tu querendo a vida destruir,
Faz da liberdade uma impossivel,
Só tu querendo os povos dominar.

A mortalha feral que te reveste,
Feita de hypocritas e de impostura,
Faz do infanto a sombra dum cyprito,
Faz da terra medonha sepultura.

O luto, a treva, a mendigues espalhas,
Com purpurinas e cor de brancos,
Enches a terra toda de meirinhas,
Disfarçadas em bulhas e orações.

Por isso tu te desprezas e exeres e odeas,
Egreja senão torpe e nojenta;
Por isso és que em combato, e que ena aceito
Pela extincção da tua vida gasta.

Fellimento o teu fim está bem perto,
Para para adegro e para a vida;
Já á roda de ti fuzas o deserto,
Hás de morrer de tedio, ó corrompida!

Beato da Silva

terrogatórios, nada faltando: fogareiros, tenazes, cavalletes, foles, polias para suspenso, rodas, chibotes, etc., etc.

O corpo especial de torturadores também já se acha organizado e funcionando. Os exames prévios têm dado os melhores resultados. Os familiares terão por encargo especial visitar os domicílios particulares, associações, sobretudo as operárias, theatros, casas de negocio, especialmente as livrarias, etc. As mulheres formarão um corpo aparte de informações sob as ordens duma conhecida irmã.

Ouviram vocês?

— Qual o que, conheço as suas faccias. Onde está a prova disso? perguntou-me o J. Martins.

— A prova! Para comecar, lê estas predicações do *Correio da Manhã*: «O bacharel Pio, etc.», entendeu que a representação de *Judeu Errante* constitue crime do calunio (!!) contra a Companhia de Jesus, etc. E mais este: «Esse pobre moço chegou a mandar supprimir o papel de capellão da *Margadina de Val Flor*...» E mais ainda este: «O proprio sr. Belisario Tavora, etc.», prohibiu arbitrariamente o apparecimento de padres em scena, allegando o pretexto parvoalho de que taa exhibições constituem uma profanação dos symbolos religiosos!»

Ah! meu velho, tu pensas em tão que ainda ha de dar a lingua por muito tempo, como fizeste quinta-feira santa, na Liga, diante daquella sala cheia? Olha, já vejo o teu orgam falhar de tectello faminto um palmo fóra da bocca com um punhal espartado bem no meio... e, depois, tu vestido com o *San Benito*, a dextra pregada ao poste, mais alto que a tua cabeça, e a sinistra empunhando a tocha de cinco palmas, fazendo companhia aos outros na festa do queima hereses, podes contar.

— Não crês? Espera mais um pouco e verás.

— Mas se eu for, tu tambem irás.

— E' provavel. Consta mesmo que estou ha muito na lista do Faustino, como tu e os outros da *Lanterna*. Aqui no Rio já andamos vigiados. Não te lembrás daquelles tres companheiros que não ha muito passaram pela tortura — o França, o Candido e o Rodrigues?

Olha que elles ainda se lembram do samba! Os camaradas saíram de lá derreados, bambos da dança. Foi um sarilho dos diabos: sopapos, ponta-pés, sócos, unbadas que era gosto ver, — por pouco que a madeira não entra em scena!

— Está a gracejar e vejo que o caso é serio.

— Pensei que ainda estavas no... mundo da lua. Trata de te converteres ou de engulires a lingua, enquanto é tempo ainda, senão...

— Torrados, não é?

— Tu o disseste.

Adreal.

Rio, 7 — 4 — 1912.

O bispo e o jesuita

Segundo conta o *Matin*, deu-se ha tempos uma divergencia entre o bispo Chapon, de Nice, e o jesuita Barbier, director da revista *Critique du Liberalisme*. O jesuita ataca tudo e todos que directa ou indirectamente lhe cheirem a liberalismo ou a modernismo, sejam elles padres, bispos ou seculares, tenham elles muito embora dado já evidentes provas da sua orthodoxia. Nem o proprio conde de Mun, mais catholico do que a propria igreja e mais paquista do que o proprio papa, escapou ás fúrias da jesuitica revista. Agora foi uma das escolas religiosas chamadas *Jeux*, da diocese de Nice, que mereceu a virulencia dos ataques do jesuita. O bispo tomando partido pela escola contra o padre, fulminou este com uma condemnacão em fórma, que julgou superior aos raios de Jupiter. Ora dá-se que Roma não foi da mesma opinião do bispo, pois o papa negro mandou mais do que o branco. A congregação do Conistorio, a quem o jesuita recorreu, deu-lhe razão: contra o prelado, fazendo saber a este que a sua sentença deve considerar-se como não proferida, visto, diz a decisão congreganista, já não pertencer o padre Barbier á diocese de Nice. E o bispo teve de conformar-se com esta exaratoração. E digam lá que os lobos se não devoraram uns aos outros...



Juizé homopatica — Abertura da Casa Sindical — Quem nos guarda das guardas? — Declarações ministeriaes de senação — O bôlo colonial não será repartido — A panela de ferro e a panela de barro: a jôla diplomática — Militarismo certo, despezas certissimas e calamidades em perspectiva — As esperanças de paz e a força pacífica mais segura — Uma lição da actual greve mineira — Utôpias ontem, realidades hoje — A greve geral e a guerra — O valor da greve geral.

LISBOA, 17 DE MARÇO

Confessado que nenhum vestigio de accordo entre sindicalistas e monarquicos foi encontrado, nem poderia achar-se, extintos os tribunais militares especiais, antes que funcionassem, foram agora reunidas as chaves da Casa Sindical. Só falta pôr em liberdade o meio cento de presos, ainda detidos. Faz-se justiça ás doses, reconhece-se o erro aos poucos, porque a tam alta entida como é o Estado ficaria mal penitenciar-se de golpes e frangimentos. São o desprestigio. A autoridade tem sempre razão: ainda quando deveria suplicar o perdão e o olvido, faz o gesto de perdoar e esquecer...

Os operários é que decididamente perderam a confiança nos representantes da autoridade, «guardas da ordem da propriedade». A Casa Sindical esteve sempre guardada pela força publica: deviam pois os operarios estar seguros de ali tornar a ver tudo o que deixaram e como o deixaram. Não, senhores: quiseram tomar conta de tudo em presença de dois agentes da autoridade e outros testemunhas. E não se enganaram. Desordem completa, papéis espalhados, portas e gavetas arrombadas — tais são as marcas das diligências policiaes effectuadas. Mais: faltam livros, o dinheiro das gavetas das associações operarias voou, volatilizaram-se as bebidas do bufete... Isto afinal pouco importará á imprensa politica, que só esmiuça, deturpatria e exaggeraria os factos, se os pudesse attribuir aos grevistas. Nem é provavel que os sindicalistas se vejam apoiados no pedido de indemnização que elles annunciam.

Depois os diticos tem muito com que se entreter: já não digo os boatos de proxima incursão do Couceiro, o castigo de mais algum bispo, a chegada, amanhã, do dr. Afonso Costa, as profecias de crise politica — mas sobretudo as declarações ministeriaes sobre a segurança das colonias portuguezas e a aliança anglo-lusa.

Dizia-se existir entre a Inglaterra e a Alemanha um tratado celebrado em 1898 para a partilha oportuna das colonias portuguezas. Que não é verdade e que este desmentido é autorizado pelo gabinete de Londres e de Berlim. E vai d'ali grande regozijo entre os patriotas, para quem, segundo parece, as «nossas» colonias são tam necessarias como o pão para a bocca.

Quanto á famosa e singular aliança entre a panela de ferro britânica e a panela de barro lusitana é antiga e solida e, ao que parece, obriga as duas partes a prestarem-se mutuo auxilio em caso de contenda, se a ajuda for reclamada. Por isso Portugal, para não ser tido pela sua colossal aliança como quantidade desenhada, deve cuidar das suas forças, aumentar o seu poder militar, fortificar as suas possessões... E' a estrada larga do militarismo para uma nação que, como está sendo, é uma grande potencia e pode afoitamente meter-se em altas empresas guerreiras...

Tudo por amor ás «gloriosas tradições» e ao «ainda vasto imperio colonial», que agora serve sobretudo para ser explorado... pelos capitais estrangeiros. As democracias são na verdade pacificas, como diz um cliché sabido!

Se um dia estallar o conflito, que muitos julgamos inevitavel, entre as duas poderosas rivais na industria e no negocio, Inglaterra e Alemanha, e se áquella aprover, por exemplo, servir-se dos portos portuguezes como bases navais, lá teremos o pequeno

Portugal arrastado na voragem e porventura mais ferido do que a sua robusta e resistente aliada. Esperemos que as proprias classes dirigentes das grandes potencias recuem ante a aventura duma guerra europeia, terrivel incognita sob o ponto de vista tanto militar como economico, como social; mas esperemos sobretudo no esforço organico e consciante dos trabalhadores, os maiores e verdadeiros inimigos da guerra.

O governo real das nações reside nas oligarquias financeiras, a cujo serviço estão, como simples comissões executivas nacionais, os ministerios e os parlamentos. Se a essas oligarquias, aliás internacionalmente entrelaçadas, convém a guerra, a guerra faz-se: é uma questão de pesarem mais ou menos estes ou aquelles interesses, e uma questão de oportunidade. Ha poderosas industrias (sobretudo as metalurgicas) que vivem dos armamentos, das guerras e expedições; ha classes que ganham mesmo com a derrota da «patria» e até fornecem capitais e armas ao inimigo. Demais, o actual regime internacional necessita á exportação (isto quando na patria o consumo não foi satisfeito integralmente, por faltar á maioria uma sufficiente capacidade de aquisição!), necessita a expansão colonial, a conquista de mercados — perene fonte de disputas — e o trabalhador perde sempre com as guerras — fisica, economica e moralmente.

Saberá lê impedidas? Vejamos a actual grande greve mineira, absolutamente geral na Inglaterra, com caracter violento e tendencia á excessão na Alemanha, onde ha dois dias havia já cerca de 300 mil grevistas, com eco em França, onde rebentou uma curta greve de ensaio e aviso.

Não ha muito que tal movimento simultaneo era considerado utópico. Impossivel tambem ser feito para abalor o salario por tarefa, que os proprios operarios preferiam. Pois a greve geral com tal escopo é um facto positivo. Ha pouco, chegavam ao patíbulo hulleiros a provar greves, ou não as receavam, porque tinham grandes stocks e queriam vendê-los a bom preço. Mas desta vez os proprietarios dos transportes declararam que, por solidariedade, não mexeriam nos stocks de carvão. Este accordo era utopia: é hoje realidade.

E sabem o que, para uma guerra, seria uma greve nas minas e transportes? A immobilização da lingua e dos exércitos. Porque não ha de realizar esse accordo e esse esboço os trabalhadores, tam profundamente feridos pela guerra nos seus interesses vitais?

Se a guerra italo-turca não tivesse sido um golpe imprevisto e de surpresa, se não tivesse pacificado uma aventura pouco grave, se o proletariado italiano tivesse podido evita-la — não se sentiria agora na Italia o peso das consequências, não haveria uma terrivel reacção politica, não seria necessario o penoso movimento de protesto que se inicia, nem o gesto de Antonio Diabla.

A greve geral ataca directamente o verdadeiro poder da sociedade capitalista, o factor real das guerras — a oligarquia financeira e economica, — tem a virtude educativa dos esforços collectivos, que dispensam as messias, e atinge o alvo effezmente.

Neno Vasco.



Durante a lição de catecismo, na igreja de Drailant (Ain), Luciano Gillet, de 12 annos, puxou duma pistola carregada com bala, visou Germana Benatti, sobrinha do ora, e desfecho. A bala attingiu na cabeça a pequena, que morreu logo. (Telegramma de 6 de fevereiro, do Jornal).

Nenhum alumno de Ferrer fez o mesmo...

O convento do crime

Como nos tempos da Judeu Media

Na Polonia russa, diante do tribunal de Petrikov desenvolve-se agora o processo dos monges de Czenstochau, causa crime de uma importancia sem precedente na nossa época, que faz lembrar, num «friso» de horror, os attentados monstruosos que, na Idade-Media, eram commettidos á sombra de alguns conventos tristemente famosos. Antes de entrarmos no detalhe dos escandalos sem nome desenvolvidos no convento de Czenstochau, digamos, a fim de esclarecer o leitor, que esse convento é o mais famoso «santuário» religioso da Polonia russa.

Vou agora dar-lhes uma rapida, e por isso mesmo atenuada, percepção das santidades a que o «santuário» — conservemos-lhe o titulo que, diante dos factos abaixo, é de uma piane ironia — a que o «santuário», dizia, durante longos annos, serviu de theatro.

Em setembro de 1909, um roubo sensacional em commettido na egreja do mosteiro: uma coroa de ouro, ornada de diamantes e valendo cerca de dois milhes de rubros — isto é, cerca de 3.000 contos da nossa moeda («excusos da pouca», os monges fazem votos de pobreza) — desaparecera de sobre a cabeça de uma estatua da virgem que ella ornava.

Imediatamente, correu o boato de que o sacrilegio roubo fóra commettido por um religioso do convento encarregado da conservação da egreja. Era uma singular maneira de «conservar», mas elle lá a entendia ao seu modo.



O padre Damazy Mazoch

Algumas semanas mais tarde, e de uma maneira absolutamente fortuita, uma parte da joia roubada era descoberta dentro de uma pequena bolsa da seda perdida por uma senhora. A commoção de-perda pela divulgação destes factos ainda era vivissima, quando um segundo crime, não menos sensacional, foi assignalado pela imprensa.

No rio Wartha, perto de Czenstochau, encontrou-se um sófêdo, no qual fóra dissimulado o cadáver nũ de um homem mutilado. Após laboriosissimas investigações, acabou-se por verificar que a victima era um tal Mazoch e que o criminoso não era outro senão o seu primo-irmão Damazy Mazoch, monge do convento de Czenstochau. Damazy, porém, desaparecera e só mais tarde a policia conseguiu prendê-lo... em Cracovia. O miseravel fez uma confissão completa, declarando não só o crime de assassinato do seu parente, mas tambem do roubo da egreja de Czenstochau. E, a proposito do taa crime, fez sobre o regimen interno do seu convento revelações das mais escandalosas.

O monge ladrão, sacrilego e assassino, segundo a sua propria confissão, travára, oito annos antes, intimas relações com uma das suas penitentes de nome Helena Malow. Foi a pouca estas relações se desenvolveram numa ligação culpada, da qual nasceu um menino. De resto, a disciplina do convento, nessa época, estava completamente relaxada, passando-se no «santuário» orgias que o prior foi incapaz de reprimir, porque os monges, acostumados a uma vida de prazeres, amecavam não de um escandaloso sem nome, caso tentasse reagir, escandaloso que, certo, provocaria o fechamento do convento e o sequestro das thesours ali accumulados.

pela piedade de varias geações de peregrinos.

Damazy gastou um dinheiro louco com a sua amante; depois, casou-a com o seu proprio primo e continuou a dominar na casa desta. Foi elle quem praticou o roubo sacrilego da corôa da virgem e foi o primo quem se encarregou da venda das pedras preciosas. A bolsa de seda encontrada com uma parte da corôa nã era senão a de Helena Mazoch, que a perdêra por occasião de uma viagem á Silesia.

Katrastato Mazoch (o marido), um pouco tarde, concebera escrúpulos sobre o caracter do seu papel de esposo condescendente que, não contente de empregar a mulher, se faz ladrão e jurejures do proprio homem que o deshonra. Foi impellido por esses escrúpulos que, no dia 11 de junho de 1910, se apresentou em casa de Damazy, provavelmente para lhe apresentar um «ultimatum».

Não se sabe ainda, com certeza, o que se passou entre os dois homens. Segundo todas as probabilidades, porém, o monge, diante do perigo que a amecava, adoptou uma attitudão hypocriticamente conciliativa, embriagou o primo e, depois, armado de um machado, deulhe, durante o sono, um golpe formidavel na cabeça. E' o que se presume, pois o criminoso tem, neste ponto, hesitações em pintar toda a monstruosidade do seu acto.

Todavia, o que elle diz, positivamente, é que Mazoch, tendo um instante recuperado a consciencia, elle lhe deu a absolvição e, em seguida, o estrangulou.

Mas o cadáver do primo embarracava terrivelmente o monge. Foi para do sinistro fardo se libertar que Damazy o cortou em pedacos, o escondeu no estuado do sofê e, durante a noite, graças á cumplicidade de outros dois monges, lançou o tragico moel no rio Wartha.

Helena Mazoch, que se achava ao corrente de tudo e que foi presa ao mesmo tempo que o seu amante, confirmou estas horribes damazydes; porém, pretende ter sido «enfeitada» pelo irmão e nunca ter encontrado força bastante para se oppor aos seus projectos monstruosos.

Necessario se torna acrescentar ainda que, depois das confissões de Damazy, as autoridades deram uma busca no convento, chegando á noticia effiziente de que o «santuário» era, ao mesmo tempo, um lupanar e uma caverna dos mais perversos bandidos.

O papa, por um legado especial, ordenou o fechamento do convento de Czenstochau e intligiu a Damazy a excommunição maior, despojan-do de seu habito branco. Diante do tribunal de Petrikov, no banco dos accusados, sentaram-se, além de Damazy Mazoch, sua amante — a formosa Helena — e dois monges accusados de cumplicidade no assassinato do marido desta ultima. Mais de cem testemuhas foram intliguadas para depor nesta causa colubina e os debates do sensacional processo durarão, segundo «das as provisões, de dois a quinze dias, no minimo.

Como facilmente se comprehende, a população polaca de Petrikov, cujos sentimentos religiosos tocam o fanatismo, mostrou-se e ainda se mostra commoventissima com as relações escandalosas que desmoralizaram a proypagam o fechamento do «santuário». Isso é considerado pelos catholicos polacos como uma desgraça nacional irreparavel.

Em Petrikov e nos seus arredores foram feitas grandes demonstrações religiosas em signal de luto e «para aplacar a cólera do céu». Em signal de luto, egualmente as festividades do Carnaval foram este ano suprimidas, não tendo havido nem sequer os bailes «masques» de que os polacos são tão apreciadores.

Causa curiosa: a população se acha tão affectada com o escandaloso que considera do seu dever não assistir ao processo, e os proprios jornaes recusam-se a inserir a minima informação que a elle diga respeito.

Mesmo por conta dos jornaes estrangeiros, os traductores polacos recusam-se a assistir aos debates de Petrikov.

Mais curioso ainda: pela primeira vez na Polonia, um réo compareceu diante dos seus juizes sem defensor, porque nenhum advogado quiz esposar a sua causa odiosa. E esse réo é o monge ladrão, sacrilego e assassino Damazy Mazoch.

D. T.

Da Tribuna de Santos.)

Divulga a «Lanterna».

De fiasco em fiasco

Edgard Leuenroth e Orestes Ristori foram impronunciados no processo do Orfanato.

Decididamente, os padres do Orfanato já perderam a protecção celestial e, por isso, entrarão em marê de caporismo. A sua causa vai de fiasco em fiasco.

Após o fracasso da mystificação, veio o *verdictum* do Tribunal do Jury negando a existencia da fantástica Maria Luiza. E isto para não mencionarmos os desastres de melhor importancia.

Mas o fiasco de agora é maior, muito mais berrante.

Como toda a gente sabe, os santos abandonados do sacratio da infamia situado no Ypiranga moveram um processo contra Edgard Leuenroth e Orestes Ristori como autores de falsa imputação, calunio e não sabemos que mais.

Os grandes safardanas contavam com certa a nossa condemnacão. Para conseguir tal sagrado desiderado dispunham da bolsa recheada duma fulana condessa estrangeira e com o patrocinio do grande, do afamado juriconsul Dr. Coronel José Brasil Piedade.

Não escapariam por forma alguma aos 30 annos de vilegiatura no casarão da Luz. A condemnacão era esperada a todo o momento.

Pois tal não succedeu. Os padres gastaram os cobres da condemnacão inutilmente e o Coronel Doutor perdeu o seu latim.

O dr. Adolpho de Mello, julgando imprudente o processo, impronunciou Edgard Leuenroth e Orestes Ristori.

Para melhor orientar os nossos leitores, esperamos poder publicar no proximo numero da *Lanterna*, a sentença do dr. Adolpho de Mello.

Não podemos fechar esta noticia sem registrar mais uma demonstração de independencia da imprensa diaria, que ainda não deu nem uma linha sobre esta sentença!

A caça ao dinheiro

Duas senhoras ricas exploradas por um padre e um irmão deste. — Pela morte do padre descobre-se tudo.

Parcos não que o caso, por nós noticiado com estas titulas e succedido em Portugal, não é attinado mais aggravado para os resultados da seguinte defesa: irmão do padre. Vejamos os leitores a jesuitica embrolhada:

Sr. director de *O Mundo*. — No jornal que v. proficientemente dirige, vim insertar no numero de hoje, sob as epigraphes acima, uma local cheia de inexactidões, em que se deprime a memoria de um morto e se ultraja a dignidade de um vivo. Foi a redacção do seu apreciado jornal enganada por quem ministrou a informações para a allusão local. Eu no entanto não posso, desde já, esclarecer toda a verdade dos factos, por isso que, tendo recebido a intervenção da justiça neste caso, viria porventura prejudicar a acção desta nas investigações a que se está procedendo. Contando, na minha qualidade de proccurador do sr. Victor Alves de Souza e de sua mãe, julgo que impede sobre mim a obrigação de vir repeli-los já as insinuações que aquelle cavalheiro está feitas, tanto mais quanto é certo que o men constituinte se encontra agora ausente em Santar e retido no leito por doença. Brevemente tudo se esclarecerá, porque tudo ha de vir a publico, devidamente pormenorizado e detalhado. Por hoje limitarme si a relatar o seguinte, que é rigorosamente verdadeiro, em contraposição ás inexactidões mais flagrantes da local a que acima me refiro. Em 31 de janeiro ultimo, o padre Afonso Alves de Souza morria no hospital de S. José, para onde havia entrado na véspera, «dotando valores e dinheiros (anulos ao portador) arrecadados num cofre» no Montepio Geral, onde uma das senhoras referidas na local, com quem de ha muito viria, guardava tambem os seus haveres. Esta senhora e o padre tinham cada uma sua charra. Momento depois do fallecimento do Afonso, apresentouse na casa deste um padre italiano, morador no quarto andar do mesmo prédio, com o pretexto de communicar áquella senhora o triste acontecimento e de lhe offerecer os seus serviços. O que entre os dois se passou, não sei eu. O que sei é que

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"	
EM PORTUGUÊS	
M. Gorki, <i>Os amassadeiros . . .</i>	\$200
A. de Figue, <i>Pela Educação e pelo Trabalho</i>	\$200
E. Malatesta, <i>Programma socialista anarquista-revolucionario</i>	\$100
Petro Króptchine, <i>O Comunismo Andarinho</i>	\$100
Prof. Saturnino Barbosa, <i>Poema Transcendente</i>	\$500
B. Peres Galdos, <i>Electra</i> , (drama antieclitico em 5 actos)	\$500
Mezra Botto, <i>O Papa Negro</i>	\$200

<i>Sociologia e Evoluzione</i> , E. Haeckel	\$1500
<i>Sociologia Fundamental</i> , Bentes	\$1500
<i>Die Universal</i> , Fagard	\$1500
<i>Brüder Schweigen</i> , Schlegel, Hildebrand	\$1500
EM ESPANHOL	
J. Ruiz, <i>Las Guerras y la Densidad de la Población</i>	\$100
Ch. Dryadale, <i>Grigidez, Libertad</i>	\$100
C. S. Darwin, <i>Crimen y Criminales</i>	\$100
Andrés Girard, <i>Educación y Antropología</i>	\$100
EM ITALIANO	
Dottor Nicola Conneri, <i>Chi usa il Socialismo</i>	\$100
Rossini di Una Donna, Angelo Lenigari	\$300
Unosco L'Europa, 1969	\$300
EM FRANCE	
Les Priests, Pierre Kropotkin	\$300
<i>L'Effort de Révolte</i>	\$300
Rene Chagny, <i>La Femme Exotique</i>	\$100
<i>Le Monde, Les Indes pour l'Action</i>	\$100
Elisée Kacine	\$100

Paysan	\$100
Jean Grave, Si j'avais à parler aux	

André Girard, <i>Educación y Auto- ridad Paternal</i>	\$100
---	-------

Romano di una Donna, Angelo Longarini	\$500
Alcuno Martirio, Alessandro	\$350
EN FRANCE	
Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Révolte	\$100
René Chaugli, La Femme Rurale	\$120
Jean Grave, L'entente par l'action	\$100
Alfred Assolant, Les Amis Fiers	\$100
Payson	\$300
Jean Grave, Si j'avais à parler au	\$100
Gloire, la République	\$100
Charles Albert, Pierre, Guirre, Co	\$100
ternes	\$100
Elishe Recha, Evolution e Revolu	\$200
tion	\$100
Urbain Gohier, aux Femmes	\$100
E. Malatesta, Entre Paysons	\$100
La République, la République	\$100
Solidarité dans la lutte	\$100
Mar Pierrot, Sur l'Individualisme	\$30
Lucia Bianc, Quindici Verità	\$30
André Girard et M. Pierrot, Le	\$100

[illegible]

«A Lanterna» no Interior
A Lanterna, além de ser vendida
avulsamente em quasi o todo interior
do Estado, é encontrada tambem
venda nas seguintes agencias :
Em **Ribeirão Preto**, na agencia de
sr. José Selloe, rua Amador Bueno, 4
e 43.
Em **Campinas**, em casa do sr. An-
tonio Albino Junior.
Em **Santos**, na agencia do sr. Paiva
M.

Em Mogi das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.
Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmão.
Cataguzes, com o sr. Fenslon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.
Florianopolis, com o sr. Valentin Farinhas, rua Republica, 4.

10/1/80

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

— como disse, e de repente, um solfeio...
— Bem, as tubarais! Ah, um solfeio... Música da Vidigueira...
— ...que dá a tocar a nossa festa...
— ...solfeio, que (nem eu sei como conte) desconfio me saia das entranhas da barriga...
— ?!
— Ai, senhor padre! desabafou o pobre Belisário em pranto aflicto. Solfejar não era nada, o som que passa... se o devoniano não tem feito, não pela culpa...

outra blasfêmia. —
E gorgaleja para a aflição,
dando acrescenturo: —
— E' que eu disse em voz al-
ta para o senhor... —
— O senhor expulso, mulhe-
re! —
— ...padre Carreira.
— Mas isso não é nenhum s-
crilegio, minha irmã! —
— E' que eu... —
— Sempre p'ró mesmo? —
— O senhor diz que não é a
verdade que isto reformo? —
— O som, não digo. O pa-
pô é facilitar a absorção. E
pore ahí... —
Foi á vestimenta, onde o padre
Carreira estava dispondo o bro-
dado, tomando da festa e o pri-
gador, á musca de parte, co-
mo o velho e os outros dignos
do colégio, pediu-lhe fosse acabar
ouvir uma alma christa, que
estava no confessoriano, á espe-
da graça, e que elle não púde
escutar por escrúpulos de
ciencia... —
— Recupulcos de consciencia
Não ponha mais. Ia apostar q-
é velha e feia.
(Conclue no proximo numero).